

CASA TOMADA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA POSSÍVEL

Natália Francis Sousa Rodrigues Palacio

(Universidade Estadual da Paraíba, nrpalacio12@gmail.com)

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise do conto *Casa Tomada* (1946), do escritor argentino Júlio Cortázar, através dos pressupostos da teoria de sonhos de Sigmund Freud (1900), especificamente a teoria sobre o material dos sonhos, a memória nos sonhos, distorção onírica, o afeto nos sonhos e sonhos de ansiedade. Os contos de Cortázar apresentam diversas características que nos possibilitam fazer uma leitura psicanalítica, visto que o autor costumava abordar temas do cotidiano e mesclá-los com fenômenos fantásticos. Não temos como objetivo interpretar o sonho de Cortázar, nem afirmar que essa é a leitura correta do conto, dado o caráter polissêmico que apresentam os textos literários, mas disponibilizar aos educadores uma releitura do conto em uma perspectiva psicanalítica. Sobre o conto *Casa Tomada*, encontramos vários trabalhos publicados, os quais apresentam várias leituras, algumas tratam de uma alegoria ao peronismo na Argentina, outras abordam a perspectiva dos estudos culturais e interculturais e outras apresentam uma ótica psicanalítica que aborda a inconsciência do desejo recalcado dos personagens. Segundo o autor, o conto foi resultado de um pesadelo, por isso, buscamos encontrar, na narrativa, vestígios que possam propor uma leitura do conto através dos sonhos de angústia, estudados por Freud, em *Interpretação de sonhos* (1900). Pretendemos, com a leitura realizada, apresentar aos educadores a importância da interdisciplinaridade nas aulas de língua estrangeira, pois, segundo Todorov (2009), trabalhar textos literários de maneira contextualizada se mostra eficaz no processo de construção do conhecimento e do verdadeiro sentido do texto.

Palavras-chave: Casa Tomada 1, análise literária 2, psicanálise 3, interdisciplinaridade 4.

Introdução

Enquanto professores sabemos que temos grande responsabilidade no processo de construção do conhecimento, que não devemos ser meros repetidores de teorias, mas devemos compreender que para que o processo de ensino-aprendizagem seja eficaz é necessário ter conhecimento de como dialogar com os saberes e com as experiências de vida dos alunos. Não é tarefa fácil despertar, nos alunos, interesse pela leitura, principalmente pela leitura de textos literários (TL), tendo em vista sua linguagem poética, necessitando assim de maior dedicação por parte dos leitores para uma interpretação. Essa dificuldade tanto pode estar relacionada com a falta de preparo do docente para trabalhar textos literários em sala, como também pela forma como os textos estão sendo trabalhados, tornando-se apenas produtos para fundamentar teorias de linguistas e críticas literárias, reduzindo-se, assim, o grande valor da literatura, como afirma Costa Junior (2017):

Para muitos, o texto literário é tido como um simples meio pelo qual os alunos poderão realizar a análise linguística de orações e períodos, reduzindo a potencialidade da literatura a fins meramente gramaticais. Outros, por falta de formação acadêmica, sequer sabem abordar o texto literário em sala de aula e acreditam que a literatura serve apenas como deleite ou passatempo (COSTA JUNIOR, 2017, p. 61).

Tratando-se de TL em aulas de línguas estrangeiras, a perspectiva não é diferente. Alguns educadores demonstram grande resistência em abordar TL em suas aulas, e, quando o fazem, os textos são aplicados em análises linguísticas ou estudos estruturais da língua meta. Mas, segundo Costa Junior (2017):

[...] o texto literário não pode ser trabalhado apenas como suporte para análise linguística ou como um mero reproduzidor das estruturas da língua meta, mas como ferramenta que possibilita as mais diversas atividades linguísticas, literárias e interculturais na sala de aula (COSTA JUNIOR, 2017, p. 58).

Os textos literários podem sim ser trabalhados em uma perspectiva linguística e estrutural, mas essa não deve ser a única vertente abordada pelos educadores. Acreditamos que existe uma forma bem mais cativante e apaixonante de se trabalhar TL em sala. De acordo com Todorov (2009) a literatura: “[...] pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2009, p. 76).

Considerado literatura como manifestação humana, materialização de pensamentos humanos e como forma de interpretar o mundo, podemos dizer que ela tem um caráter polissêmico e instigador de pensamento crítico, obviamente, se for abordada de maneira que faça do aluno um participante na formação/descoberta do verdadeiro sentido do texto, dialogando, assim, suas experiências de vida com o que está sendo estudado.

Trabalhar através dessa vertente em sala de aula aproximará o aluno da experiência vivida pelo escritor, que através do eu lírico expressou o que estava vivendo de forma poética. Para que haja essa aproximação, o educador deve trabalhar os textos de forma contextualizada, conduzindo os alunos na busca do real sentido do texto e a interdisciplinaridade é a solução para que isso ocorra, visto que proporciona o diálogo entre as disciplinas. Para Todorov (2009):

A análise das obras feita na escola não deveria ter mais por objetivo ilustrar os conceitos recém introduzidos por este ou por aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura, quando, então, os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido das obras – pois postulamos que esse sentido por sua vez, nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos (TODOROV, 2009, p.89)

Assim, Todorov trata a literatura como uma ferramenta que “nos conduz a um conhecimento do humano”, pois, quando um leitor vai em busca da literatura, não vai com o intuito de melhor conhecer teorias linguísticas como metonímia, metáforas ou conhecer o autor do texto, ou até mesmo em que sociedade ela foi criada, mas vai com o desejo de refletir sobre o mundo, refletir sobre sua própria existência, se conhecer; pois tudo aquilo que nos leva a refletir, nos ensina mais sobre nós mesmos e, conseqüentemente, sobre o outro.

[...] leitor não profissional, tanto hoje como ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações da sociedade a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontra um sentido que lhes permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor o mundo e a si mesmo (TODOROV, 2009, p.32)

Para que a literatura cumpra esse papel, o educador precisa conduzir o aluno na busca do real sentido da obra, e a interdisciplinaridade é a solução para tal objetivo. Um diálogo entre diferentes campos do saber, faz com que o aluno compreenda, contextualize e, muitas vezes, se identifique com as obras.

Uma breve revisão sobre a teoria dos Sonhos

Segundo Freud (2006), sonhos são sintomas neuróticos, os quais são vivenciados por pessoas sadias, e esses fenômenos oníricos agem com intenção de eliminar o estímulo perturbador do sono e a forma que encontram para isso é por meio da realização de um desejo, ou seja, de acordo com Freud, sonho é a realização de um desejo. Embora essa afirmação tenha sido de extrema importância, não é nela que vamos nos deter, mas sim no material dos sonhos e sua ligação com a vida de vigília, assim chamado por Freud (1900), como o estado em que nos encontramos quando estamos acordados.

Os estudos sobre os sonhos trouxeram à tona uma área da mente humana que até então era desconhecida e somente se usava como termo para descrever um estado de “não consciente”. Descobriu-se, então, a área do inconsciente, uma área que está repleta de impulsos inaceitáveis pelo indivíduo e pela sociedade, área essa que não está relacionada ao espaço físico da mente e sim a pulsões psíquicas. E, como afirma Freud, é através dos sonhos que podemos ter conhecimento desses impulsos inaceitáveis pelo indivíduo.

Distorção onírica.

Segundo Freud (1900), o sonho é a reação a uma perturbação do sono, e essa reação tem por objetivo afastar a perturbação e o faz através de um desejo realizado. Esse desejo, na maioria das vezes reprimido, pelo fato de ser proibido, é realizado de maneira disfarçada, caso contrário o sonho não estaria cumprindo seu papel. É importante saber que tanto o desejo como sua realização podem se manifestar disfarçadamente. A teoria freudiana afirma que o verdadeiro pensamento do sonho está localizado no inconsciente humano, chamado por Freud de conteúdo latente, e que o que se manifesta na consciência durante o sono, que seria o conteúdo manifesto, é um pensamento infinitamente menor, não por ser menos importante, mas por apresentar-se de forma condensada. Essa condensação se dá por conta de um dos mecanismos de defesa da mente, chamada de deslocamento, que Freud explica como sendo:

[...] uma transferência e deslocamento de intensidade psíquicas no processo de formação do sonho [...]. O processo que estamos aqui presumindo é nada menos do que a parcela essencial do trabalho do sonho, merecendo ser descrito como “deslocamento do sonho”. O deslocamento do sonho e a condensação do sonho são dois fatores dominantes a cuja atividade podemos, em essência, atribuir a forma assumida pelos sonhos (FREUD, 1900, p 262).

Temos então o deslocamento como uma forma de distorção onírica que consiste em uma substituição que modifica o foco, condensando o pensamento onírico até o conteúdo manifesto do sonho, conteúdo esse que não pode ser considerado uma cópia fiel dos pensamentos oníricos, pois o fenômeno da condensação “se apresenta por omissão: quer dizer, que o sonho não é uma tradução fiel ou uma projeção ponto por ponto dos pensamentos do sonho, mas uma versão altamente incompleta e fragmentada deles” (FREUD,1900, p. 239).

Tendo em vista a afirmação, de sonho como realização de desejos, somos levados a pensar em prazer enquanto estamos sonhando, visto que quando um desejo nosso é realizado sentimentos bons, agradáveis e de satisfação se apoderam de nós (senso comum). Então, o que diríamos sobre os sonhos que para nós são absurdos e que nos trazem sentimentos ruins de ansiedade e angústia? Em primeiro lugar, devemos saber que a teoria dos sonhos, desde seu surgimento, foi grosseiramente criticada. Para entendermos um pouco sobre esses tipos de sonhos, devemos dar a real importância que eles merecem e para isso contamos com a afirmação feita por Freud (2006):

Não se devem assemelhar os sonhos aos sons desregulados que saem de um instrumento musical atingido pelo golpe de uma força externa, e não tocado pela mão de um instrumentista; eles não são destituídos de sentido, não são absurdos; não implicam que uma parcela de nossa reserva de representações esteja adormecida enquanto a outra começa a despertar. Pelo contrário, são fenômenos psíquicos de inteira validade – realizações de desejos; podem ser inseridos na cadeia de atos mentais inteligíveis de vigília; são produzidos por uma atividade mental altamente complexa (FREUD, 2006. p. 115).

A relação entre o prazer e o indivíduo sonhador é muito peculiar, pois ele próprio repudia e censura a realização desses desejos. Dessa forma, a realização desse desejo provocaria desprazer em vez de prazer, causando uma perturbação para o sono do indivíduo, agindo, assim, de forma contrária ao objetivo do sonho, que seria eliminar qualquer efeito perturbador do sono. Os sonhos chamados “sonhos de ansiedade”, conhecidos assim por provocarem medo e angústia, podem nos fazer desacreditar na teoria dos sonhos como realizações de desejo, mas são esses sonhos que mostram que, verdadeiramente, o desejo foi realizado, pois, segundo Freud: “A ansiedade é um sinal de que o desejo reprimido se mostrou mais forte do que a censura, que ele levou a cabo, ou está a ponto de levar a cabo, sua realização de desejo, apesar da censura” (FREUD, 2006, p. 259). Percebemos então que nossos sonhos podem provocar alguns sentimentos e sensações.

Memória nos sonhos

A teoria dos sonhos (FREUD, 1900) afirma que quando estamos dormindo nossa consciência está desativada e nosso inconsciente se manifesta, tendo assim os sonhos como resultado dessa manifestação. Tratando-se então do material dos sonhos, podemos dizer que a memória do indivíduo tem grande importância na produção do sonho, mais especificamente, os chamados sonhos “hipermnésicos”, que são aqueles que possuem a capacidade de evocar lembranças. “Uma das fontes de onde os sonhos tiram material para reprodução – material que em parte, não é nem recordado nem utilizado nas atividades do pensamento de vigília – é a experiência de infância ” (FREUD, 1900, p.26).

Segundo Freud (1900), esse material manifesto no sonho nem sempre é lembrado pelo indivíduo ao despertar-se, ou, se for lembrado, ele pode não ter o conhecimento de onde vivenciou a “situação” na vida real. Esse esquecimento pode ocorrer por pelo fato de as imagens dos sonhos serem consideravelmente fracas comparadas às imagens apresentadas a nós, no estado de vigília, ou, se tratando de sonhos de adultos, a situação ter ocorrido na infância do indivíduo. Muitas vezes, as imagens da infância podem aparecer nos sonhos com tamanha exatidão que se torna impossível não ligá-las às memórias do indivíduo.

Não só as imagens da infância podem aparecer nos sonhos, mas também material de dias mais próximos, por exemplo, do dia anterior ao sonho, os de dias anteriores vividos, confirmando assim a mescla de material do estado vigília com o material onírico, pois “todo material que compõe o conteúdo de um sonho é derivado, de algum modo, da experiência, ou seja, foi reproduzido ou lembrado no sonho – ao menos isso podemos considerar um fato indiscutível”

(Freud, 1900, p. 22) e “diversos autores [...], asseveram que na maioria dos sonhos se encontram elementos derivados dos dias antes de sua ocorrência” (Freud, 1900, p. 28). Percebemos então, que tanto elemento da infância do sonhador, como elementos mais recentes, podem aparecer nos sonhos.

O conto

Casa Tomada (1946), de Júlio Cortázar narra a história de dois irmãos solteiros que moravam em uma casa grande e antiga. Deixada como herança para os irmãos, a casa guardava lembranças da época de infância dos moradores. Narrada pelo protagonista, a história gira em torno da casa e de Irene (irmã do protagonista). Os irmãos tinham um grande apreço pela casa e dedicavam boa parte das horas do dia ocupando-se em mantê-la limpa. Irene costumava tecer todos os dias, atividade que o irmão tinha prazer em observar. A casa é descrita com bastante detalhe e notamos que a ela era dividida em duas partes, uma parte menor e uma parte maior, sendo separadas por uma porta. A parte maior da casa era menos frequentada pelos irmãos, geralmente só iam para fazer a limpeza. Em uma noite de rotina, a tranquilidade da casa foi quebrada por um barulho ouvido pelo irmão quando o ele foi à cozinha para esquentar água. De repente, algo começa subitamente a tomar as partes da casa e os irmãos se veem totalmente alheios ao que toma a casa, passando a viver somente na parte da casa que não foi tomada. A tomada da casa muda a rotina dos irmãos, até que são expulsos dela por completo, levando consigo apenas um relógio e a chave da casa.

Percebemos então a mistura que Cortázar faz de elementos reais e fantásticos e o ar de mistério que o conto sugere, pelo fato de não desvendar o que teria tomado a casa e feito com que os irmãos se tornassem alheios à situação, deixando a casa sem hesitar ou lutar por ela, visto que tanto apreço tinham pela ela.

Análises e discussões

Antes de nos determos na análise do conto, é válido citar as palavras de Júlio Cortázar no programa *A fondo*, em 1977. Em uma entrevista, o autor é questionado quanto suas intenções ao escrever o conto *Casa Tomada* e Cortázar revela:

Mi interpretación de ese cuento, te la puedo decir, y ha sido dicho ya en otras entrevistas. Eso es el resultado de una pesadilla. Yo soñé ese cuento, solo que no estaban los hermanos, había una sola persona que era yo, y me desplazaba. Algo que no se podía identificar me desplazaba poco a poco a lo largo de las habitaciones de una casa hasta echarme a la calle. Es decir, que había esa sensación que tienes en las pesadillas en que es el espanto total sin que nada se defina. Es simplemente el miedo en estado puro. Algo espantoso va a suceder un segundo después, y, a veces, por suerte, te despiertas. Casi siempre te despiertas antes de que eso se produzca. Bueno, en ese caso era lo mismo: había una cosa espantosa que avanzaba, indefinible, se traducía por ruidos, una sensación de amenaza, que avanzaba así, entonces yo me iba creando barricada. Hasta que la última puerta era la de la calle. Y en ese momento me desperté, antes de salir a la calle y me acuerdo muy bien que inmediatamente me fui a máquina de escribir y escribí el cuento de una sentada (CORTÁZAR, 1977).

Tendo em vista a necessidade de trabalhar literatura em sala de aula de uma maneira interdisciplinar e também essa afirmação feita por Cortázar, cremos ser válido analisarmos o presente conto em uma vertente psicanalítica, visto que os sonhos/pesadelos estão no contexto de vida dos alunos e por ser um tema bastante convidativo à participação em sala, pois todos sonham ou já sonharam alguma vez.

O texto inicia nos informando quem e como era a vida dos moradores da casa. Percebemos uma normalidade dentro dos contextos dos habitantes da casa, embora o fato de dois irmãos morarem sozinhos em uma casa tão grande não seja comum, chegando a ser chamada de loucura no início do texto, “Nos habituamos Irene e yo a persistir solos en ella, lo que era una locura pues en esa casa podía vivir ocho personas sin estorbarse” (CORTÁZAR, 1946, p. 03). Algo que também percebemos no decorrer da narrativa, é o grande interesse e foco que existe na casa, pois tudo girava em torno dela, a limpeza, a conversa dos irmãos e inclusive o fato de estarem solteiros, “Hacíamos la limpieza por la mañana, levanándonos a las siete, a eso de las once yo le dejaba a Irene las últimas habitaciones por repasar y me iba a la cocina ” (CORTÁZAR, 1946, p. 03). “A veces llegábamos a creer que era ella que no nos dejó casarnos” (CORTÁZAR, 1946, p. 03). Notamos que, embora o título do conto seja *Casa tomada*, é ela que toma posse da narrativa, da vida dos personagens, ela é o centro, ela foi a responsável pelos irmãos não terem seguido suas vidas amorosas. Alguns aspectos que lembravam o cotidiano dos irmãos foram descritos, levando-nos assim à primeira característica da teoria de sonhos de Freud de que o material de dias anteriormente vividos pode fazer parte do material dos sonhos.

Em um primeiro momento, podemos citar a presença de memória no conto. Percebemos isso com o surgimento da data de 1939. “Desde 1939 no llegaba nada valioso a la Argentina” (CORTÁZAR, p. 03). A data de 1939 surge no conto, tornando-se bastante característica, pois confirma a teoria relacionada à presença de memória no material onírico.

Para sermos mais exatos, precisamos ter em mente o contexto que gira em torno dessa data. Para um leitor que conhece um pouco da história da Argentina, ou até em uma pesquisa superficial que possa ser feita sobre essa década, notaremos que não só a Argentina, mas o mundo inteiro estava em crise. Conhecida como década infame (1930-1945), os anos de 30 foram anos de crises políticas, econômicas e sociais. Muitas injustiças contra o povo foram cometidas, eleições fraudulentas, golpes de estado, entre outros acontecimentos, incluindo mortes. Um clima de tensão circulava em todo o país, e, em especial, em 1939, terminava a Guerra Civil Espanhola se iniciava a Segunda Guerra Mundial.

Sendo assim, depois de o leitor se deparar com essa data no conto, provavelmente espere um discurso que dê continuidade a essa temática, mas ao seguir com a leitura nota-se que o narrador não dá espaço para esse tema, pois na frase seguinte ele deixa bem claro qual sua intenção na história, “decepcionando” o leitor quanto às suas expectativas, “Pero es de la casa que me interesa hablar, de la casa y de Irene, porque yo no tengo importancia” (CORTÁZAR, 1946, p. 03).

Notamos então outra característica de sonho no conto, nesse caso um dos mecanismos de defesa da mente que Freud chamou de deslocamento. O discurso desvia-se agora para descrição detalhada da casa, e de onde ela se localizava. Ao descrever os cômodos percebemos que o narrador descreve a casa e alguns móveis com alguns detalhes que poderíamos considerar desnecessários e sem importância, detalhes esses que nos sonhos não passam despercebidos, pois segundo a teoria freudiana, nos sonhos podemos valorizar grandemente coisas que, em estado de vigília, tratamos com indiferença ou sem importância:

El comedor, una sala con gobelinos, la biblioteca y tres dormitorios grandes quedaban en la parte más retirada, la que mira hacia Rodríguez Peña. Solamente un pasillo con su maciza puerta de roble aislaba esa parte del ala delantera donde había un baño, la cocina, nuestros dormitorios y el living central, al cual comunicaban los dormitorios y el pasillo. Se entraba a la casa por un zaguán con mayólica, y la puerta cancel daba al living. De manera que uno entraba por el zaguán, abría la cancel y pasaba al living; tenía a los lados las puertas de nuestros dormitorios, y al frente el pasillo que conducía a la parte mas retirada; avanzando por el pasillo se franqueaba la puerta de roble y mas allá empezaba el otro lado de la casa, o bien se podía girar a la izquierda justamente antes de la puerta y seguir por un pasillo mas estrecho que llevaba a la cocina y el baño. (CORTÁZAR, 1946, p. 04)

Já percebemos, desde o início que o foco é a casa e Irene, e que, segundo o próprio narrador, que também é protagonista na história, ele não tem importância alguma. Notamos que a relevância dada aos detalhes casuais é mais forte do que pensávamos, depois que o narrador desvia seu discurso para os detalhes da casa e para a pessoa de Irene.

Ainda no parágrafo da descrição da casa e seus detalhes, notamos que o narrador cita o nome de uma das antigas ruas de Buenos Aires, Rodríguez Peña. Esse detalhe nos leva a outra

característica de sonhos, dessa vez, a capacidade que os sonhos têm de evocar lembranças da época de infância. A rua Rodriguez Peña foi onde Júlio Cortázar passou boa parte de sua infância e adolescência.

A casa estava dividida em duas partes, uma parte maior, a qual não era muito habitada pelos irmãos e uma parte menor, onde os irmãos passavam a maior parte do tempo. O espaço e a divisão da casa nos dão margem para interpretarmos como sendo a representação dos espaços psíquicos. Tratando-se da teoria de sonhos de Freud, já citamos que há dois espaços onde pode existir conteúdo onírico, conteúdo esses que são chamados de conteúdo latente e conteúdo manifesto dos sonhos. O conteúdo latente, o qual seria o verdadeiro pensamento do sonho, localizado no inconsciente humano, estaria sendo representado pela parte maior da casa, a parte menos habitada pelos irmãos, e o conteúdo manifesto, que está relacionado ao que se manifesta na consciência no momento do sonho, estaria representado pela parte menor da casa, na qual os irmãos passam a maior parte do tempo em suas atividades de rotina. Na maioria das vezes em que encontramos, nos escritos de Freud, algo relacionado ao material do inconsciente humano, percebemos que ele sempre relaciona esse material a impulsos e desejos censurados pela sociedade ou, muitas vezes, pelo próprio indivíduo (visto que ele está sujeito a censura social). No conto encontramos uma analogia a esse material, se tratando dessa parte menos habitada da casa, Cortázar afirma:

[...] casi nunca íbamos más allá de la puerta de roble, salvo para hacer la limpieza, pues es increíble como se junta tierra en los muebles. Buenos Aires será una ciudad limpia, pero eso lo debe a sus habitantes y no a otra cosa. Hay demasiada tierra en el aire, apenas sopla una ráfaga se palpa el polvo en los mármoles de las consolas y entre los rombos de las carpetas de macramé; da trabajo sacarlo bien con plumero, vuela y se suspende en el aire, un momento después se deposita de nuevo en los muebles y los pianos (CORTÁZAR, 1946, p 04).

Essa poeira tão fácil de se depositar, tão difícil de limpar e que nunca sai do ambiente, em nossa vertente de análise, pode estar simbolizando os impulsos e desejos proibidos citados por Freud, visto que já comentamos que a parte maior da casa estaria representando o espaço psíquico do inconsciente humano, no qual estaria o verdadeiro pensamento do sonho (conteúdo latente). Apenas uma porta separava os dois espaços, e que em uma noite de rotina e tranquilidade, encontrava-se entreaberta, permitindo que o protagonista ouvisse um barulho quando se dirigia até a cozinha “Fui por el pasillo hasta enfrentar la entornada puerta de roble, y daba la vuelta al codo que llevaba a la cocina cuando escuché algo en el comedor o en la biblioteca”. (CORTÁZAR, 1946, p. 04). A partir desse momento a casa, que desde então era silenciosa, passa a ser cenário de ruídos misteriosos, quebrando assim a tranquilidade e estabilidade dos dias vividos pelos irmãos. É a partir

dessa mudança no cenário que o conto passa a apresentar características da teoria dos sonhos de angústia.

Notamos que a partir do momento em que a casa passa a ser tomada, o sentimento de ansiedade e angústia se faz presente nos personagens, sendo transferido para o sonhador. Embora a causa do medo não se explique, ele é real. O som e a situação são descritos da seguinte forma:

El sonido venia impreciso y sordo, como un volcarse de silla sobre la alfombra o un ahogado susurro de conversación. También lo oí, al mismo tiempo o un segundo después, en el fondo del pasillo que traía desde aquellas piezas hasta la puerta. Me tiré contra la pared antes de que fuera demasiado tarde, la cerré de golpe apoyando el cuerpo; felizmente la llave estaba puesta de nuestro lado y además corrí el gran cerrojo para más seguridad (CORTÁZAR, 1946, p.04).

Sem a intenção de explicar a causa do medo, pois ela é descrita como sendo algo de tão difícil interpretação, assim como, segundo Freud (1900), os sonhos são, nos deteremos no fato de que a situação em si pode ter sido a forma que o inconsciente do sonhador encontrou para manifestar sua reação diante de toda tensão que estava sendo vivida pela sociedade. No ano que o conto foi escrito/sonhado, foi ano e eleições presidenciais na Argentina, e os ideais do presidente que venceu as eleições, Juan Domingo Perón (1895-1974) estavam ganhando espaço, fazendo com que muitos precisassem recuar para as novas ideias exercerem domínio. Sendo assim, pensamos que o que Cortázar estava vivendo em seu estado de vigília, suas memórias e experiências recentes serviram de material para a elaboração do sonho.

Os personagens se comportam de maneira totalmente alheia à situação, adaptando sua rotina ao espaço que lhes restava da casa. Assim como nos pesadelos nos vemos alheios e sem perspectiva de controle da situação, não temos poder ou força para mudar o que acontece, visto que nossa consciência está inativa no processo de formação dos sonhos e não conseguimos raciocinar uma provável saída da situação.

Fui a la cocina, calenté la pavita, y cuando estuve de vuelta con la bandeja del mate le dije a Irene:
-Tuve que cerrar la puerta del pasillo. Han tomado parte del fondo. Dejó caer el tejido y me miró con sus graves ojos cansados. - ¿Estás seguro?
Asentí.
-Entonces - dijo recogiendo las agujas- tendremos que vivir en este lado (CORTÁZAR, 1946, p. 04).

Depois de perderem parte da casa, as noites passaram a ser tensas e os irmãos sonhavam bastante. Pelas reações apresentadas pelos personagens, acreditamos que os irmãos tinham pesadelos e que o que eles estavam “vivendo”, estava servindo de material e estímulo para a formação de sonhos angustiantes e provocando noites de insônia.

Notamos que ao descrever os barulhos da voz de Irene durante a noite, o narrador se utiliza de um paradoxo, “voz de estatua o papagayo” (CORTÁZAR, 1946, p. 05), assim como “el sonido [...] impreciso y sordo” (CORTÁZAR, 1946, p. 04) que tomava a casa e provocava medo, ideias totalmente contraditórias que impossibilitam uma comparação com um som presente na vida de vigília, tornando mais difícil a interpretação do que causa ambos os pesadelos, e como já foi dito, se tratando de sonhos, nem tudo é explicado, interpretado ou lógico.

Toda essa situação leva a total expulsão dos irmãos da casa, e embora se encontrem na rua, os irmãos demonstram normalidade quanto ao que aconteceu, sem aparente revolta ou desespero em se verem na rua. E é nesse cenário, com os irmãos expulsos da casa, com ar de tranquilidade que o conto termina, assim como começou, só que agora, com a casa tomada. E o “porquê”, o “quem” ou o “o que”, ficam sem respostas, assim como nos encontramos ao despertar de um sonho/pesadelo.

Conclusão

Consideramos que o objetivo de levar literatura para sala de aula não se resume em ter em mãos um material de apoio para trabalhar conteúdos gramaticais e estruturais de uma determinada língua, mas sim uma ferramenta que possibilite despertar no aluno um pensamento crítico, visto que o caráter polissêmico da literatura permite ao aluno formular sua opinião quanto ao que lhe foi apresentado. Percebemos que através da interdisciplinaridade o docente pode fazer com que a literatura alcance seu objetivo conduzindo o aluno a uma reflexão quanto ao real sentido da obra, levando-o ao autoconhecimento e ao conhecimento do outro.

O conteúdo do conto *Casa Tomada*, de Júlio Cortázar, é bastante convidativo para análise, visto que ao lê-lo temos a sensação de que algo faltou ser dito. Essa sensação nos leva a tentar responder algumas perguntas, como por exemplo, quem tomou a casa? Afinal, os irmãos mantinham um relacionamento incestuoso? Quis Cortázar verdadeiramente fazer uma alegoria ao governo de Juan Domingo Peron? Todas essas questões despertam curiosidade, motivando a busca por respostas possíveis. Todas as leituras que o docente possa fazer para enriquecer sua visão relacionada a um determinado texto irá capacitá-lo para orientar seus alunos em uma leitura rica em informações.

O conto analisado no presente trabalho e nossa vertente de análise possibilitam ao doente um material instigador para expressão de opiniões e relato de experiência, tendo em vista que o tema abordado, relacionado aos sonhos, está no cotidiano dos alunos. Esse diálogo entre diferentes

campos do saber tornará as aulas mais prazerosas, fazendo com que todos sejam participantes ativos na construção do conhecimento do homem e do mundo.

Referências

CORTÁZAR, Júlio. *Bestiário*. Tradução de Remy Gorga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

COSTA JUNIOR, José Veranildo Lopes. *Lembrar para não esquecer: memória, história e ficção em aula de Língua Espanhola*. 2017. 159f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2017.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900): primeira parte. Vol. IV. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-04-1900.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

_____. *A interpretação dos sonhos* (1900 - 1901): segunda parte. Vol. V. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. Disponível em: < <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-05-1900-1901.pdf> >. Acesso em: 26 abr. 2017.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEI, 2009.